

Resenha Sombras da água: as areias do imperador uma trilogia moçambicana

COUTO, Mia. **Sombras da água: as areias do imperador**: uma trilogia moçambicana, livro 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

António N'Runca*

 <https://orcid.org/0000-0002-0147-7711>

SOMBRAS DA ÁGUA: A DECADÊNCIA DO IMPERIO DE GAZA

Nascido em 1955, na Beira, Moçambique, Mia Couto é biólogo e jornalista, não obstante a sua paixão pelas belas-artes tornou-o num dos principais escritores moçambicanos e da língua portuguesa, é autor de mais de trinta livros, que se estendem desde romances, contos, poemas e crônicas. Seu romance *Terra Sonâmbula* (1992) é considerado um dos doze melhores livros de ficção africana do século XX. Foi galardoado com vários prêmios literários, dentre eles o Camões em 2013 e o Prêmio Neustadt International Prize e 2014, tido como o “Nobel Americano”.

Seu romance histórico, *Sombras da água*, publicado em 2016, é o segundo volume que compõe a trilogia “As Areias do Imperador”. Este segundo volume é composto por quarenta e cinco capítulos e uma nota introdutória, que relata em resumo os principais acontecimentos do I volume. Alguns capítulos são introduzidos com provérbios, outros com poemas, os quais trazem de maneira resumida o assunto principal de cada capítulo.

No que tange aos aspectos geográficos, todo o enredo desenrolou no atual território moçambicano, por ser um romance histórico, desse modo, os principais acontecimentos históricos foram recriados ficcionalmente pelo autor, como, por exemplo, a batalha sangrenta de Coolela (onde morreram muitos moçambicanos), a de Chicomo e a captura do imperador em Chaimite, capital do império; igualmente, as principais cidades, cujos os nomes permanecem desde a época colonial até atualidade, como é o caso de Manjacaze, Chai-Chai, Inhambane, Magul e Maputo.

* graduando em Letras-Língua portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Foi bolsista do PiBic (2020-2021) e Bolsista de Programa de idioma Sem fronteiras (2021-2022). E-mail: antonionrunca@gmail.com

Quanto ao dado cronológico, a narrativa deste segundo livro está situada no período que se estende de 1885, que marca o final da conferência de Berlim a 1895, data na qual Ngungunhane foi capturado pelo exército português.

O enredo prima com a sequência dos acontecimentos do livro I, *Mulheres de Cinzas* (2015); no entanto, antes do primeiro capítulo, e, depois da parte introdutória, o autor já traz ao leitor em síntese o assunto principal desse II livro por meio dum poema.

O imperador

Levaram-no para além do mar,
onde os corpos se igualam aos corais.
Assim se esqueceu
dos ossos que lhe pesavam.

Não pisou na praia
quando partiu.

Uma onda o devolverá, disseram.
Estremeceram uns, desamparados.
Outros suspiraram, aliviados.

Puseram-lhe sal no nome
para que cuspíssemos na sua memória.
Mas a saliva
ficou presa na garganta.

Naquele exilado
afastávamo-nos
de quem éramos.

Aquele morto
éramos nós.

E sem ele
nasceríamos
menos sós. (COUTO, 2016, p. 11-12)

Depois de ler esse poema, o leitor consegue ter a impressão do que será desenvolvido ao longo do enredo, pois que o próprio autor já nos apresenta o problema central que está bem patente pela epígrafe do poema. Essa problemática que não é nada mais e nada menos do que a própria figura de Ngungunhane, que sua resistência contra o sistema colonial, sua captura e seu exílio foi visto como um símbolo da união nacional, como podemos notar na voz do eu-lírico: “E sem ele/ Nasceríamos/ menos sós”.

O primeiro capítulo principia com a viagem da família Nsambe, a Dona Bianca (italiana) e Germano de Melo, remando para Mandhlakazi, onde o sargento, que perdera os dedos será tratado pelo médico suíço.

Entrementes o sargento Germano de Melo recuperava dos ferimentos no vilarejo de Sana Benene, começa a receber as cartas do tenente Ayres de Orneles, que promete ajudá-lo para voltar a Portugal em troca de informações que lhe possam fazer ascender na carreira militar, não obstante o tenente repugna o relacionamento de Germano com Imani, a moçambicana. Apesar de tudo isso, o germano recusa a opção de voltar à pátria sem a sua amada.

No capítulo seis, por meio da carta, o tenente Ayres de Ornelas informa a Germano que os principais oficiais do exército português foram negociar com Ngungunhane, exigindo-lhe que não só reconheça a soberania de Portugal sobre os territórios de Moçambique até então disputados, mas também que se comprometa a pagar tributos anuais, igualmente, o imperador deve entregar dois régulos, Mahazul e Zixaxa (considerados rebeldes), aos portugueses. Todavia, Ngungunhane aceita todas as exigências, senão a última. Por causa disso, os portugueses começaram a reunir um exército, comandado por capitão Mouzinho de Albuquerque, que iniciou uma ofensiva militar para derrubar o imperador de Gaza.

A mãe do imperador, a medo de que seu filho fosse morto pelo exército português, foi-se negociar, às escondidas, com o sargento Germano. A rendição de Ngungunhane exigiria a renúncia total ao trono e abandono do seu território.

Enquanto a família Nsambe cuidava do sargento Germano na outra vila, recebeu a informação de que o seu vilarejo de Nkokolani, onde acabara de sair, tinha sido destruído pelos soldados do imperador, já que a tribo que ali habitava era aliada da Coroa portuguesa. Mwanatu, o segundo filho do casal, tentou viajar a vilarejo para dar um digno enterro aos seus familiares, mas foi morto no caminho pelo Santiago da Mata, o capitão do exército português.

Dias depois, a Imani e seu pai resolvem ir procurar o corpo de Mwanatu. No mesmo dia o sargento foi levado para outra zona e separado da sua amada.

Após esses eventos desastrosos na família Nsambe, o pai resolve oferecer seu filho ao imperador de Gaza não só para magoar o sargento Germano, como também para que a filha possa matar Ngungunhane, pois sentia-se traído de ambos os lados. O comportamento do pai indica que sua lealdade à Coroa portuguesa era para garantir a

António N'Runca, Resenha Sombras da água: as areias do imperador uma trilogia moçambicana
segurança da sua família, por isso que após perder quase tudo, nada mais o impedi de sacrificar a Imani, sua única filha.

Com a chegada da cavaleira de Mouzinho e com as sucessivas vitórias do exército português, principalmente na batalha de Coolela de 1895, que marca o início do fim do império de Gaza, Ngungunhane foi obrigado a aceitar todas as obrigações impostas pelos portugueses, inclusive entregar os dois régulos considerados rebeldes, com o intuito de salvar seu reino. Nesse contexto o autor leva-nos a refletir a respeito da figura de Ngungunhane e sobre o estatuto do herói que lhe foi atribuído. Essa grande indagação sobre a figura de Ngungunhane ficou ainda mais patente quando no capítulo quarenta e quatro é preso por Mouzinho, pois na ocasião, diferentes tribos cantavam jubilosamente ao redor do imperador chamando-lhe de “abutre, abutre, vai-te embora, abutre. Nunca mais assaltarás as nossas galinhas”. (COUTO, p. 368)

Durante apreensão a maioria dos conselheiros foi fuzilado. Nessa ocasião, Imani aproveita oportunidade para assassinar o capitão Santiago da Mata para vingar a morte do seu irmão, Mwanatu, que o capitão matara. Para que a amada não fosse presa, Germano assume a culpa do assassinato.

O imperador e suas sete esposas, Zixaxa e suas duas esposas foram levados presos para Portugal, e Imani, também, foi levada como tradutora.

Como no primeiro volume, os personagens do enredo deste segundo volume são construídos e distribuídos em duas grandes categorias, a saber: os africanos e os europeus:

Personagens europeus: Imani, Katini Nsambe (pai de Imani) Mwanatu (irmão de Imani) Bibliana, Mahazul, Zixaxa, rainha Impibekezane, Muzila (pai de Ngungunhana), Mpezui (irmã do rei de Gaza), Xiperenyane, Manhune (conselheiro de Ngungunyane), o régulo Chibanza, João Ondjala (soldado angolano), Langa (o cozinheiro), Maguiguana (general das tropas de Gungunhana); Godido (filho dileto do imperador), Zaba e Sukanaka (indunas do imperador), o Manhune (o conselheiro principal da corte), Mulungo (tio do imperador).

Personagens europeus: o missionário Georges Liengme, tenente Ayres de Ornelas, comandante Mouzinho de Albuquerque Paiva Couceiro, Freire de Andrade, Georges Liengme, António Enes (comissário régio), Caldas Xavier, Santiago da Mata (o mercenário), Bertha Ryff (esposa do médico suíço), Elizabete Xifadumela (professor que ensina jovens negros em corte e costura), Rodrigues Braga (médico português), Caldas Xavier e Sanches de Miranda.

No que refere à linguagem empregada no romance, igualmente como no volume I, autor continua com o uso duma linguagem criativa e acessível à percepção do leitor, incorporando vocabulários e estruturas específicas de línguas moçambicanas dentro do português. Além de adotar uma escrita baseada em provérbios, metáforas e enigmas, a ficção de Mia Couto é, também, marcada pelo “Realismo Animista”; nesse cenário, dois universos (o mundo natural e o sobrenatural, o visível e o invisível) são desenvolvidos ao mesmo tempo na trama para compreensão da realidade e da tradição africana.

Quanto ao foco narrativo, a narrativa é feita em 1ª pessoa do singular a partir um narrador-testemunha, o enredo não segue um só ritmo, pois que é feito de uma maneira encadeada e alternada, o que, às vezes, pode dificultar um leitor iniciante. Não obstante no plano do conteúdo a trama possui uma linha única, pois à medida que uma narrativa é parada e outra é retomada serve como complemento da primeira, embora a narrativa conduzida pela narradora principal, Imani, poderia ser lida de maneira independente, sem precisar das informações suplementares das outras, que por sua vez necessitam daquela.

Diferentemente do primeiro volume, neste segundo volume há três narradores: a moçambicana, Imani, que nos possibilita ver Ngungunhane pelo prisma da população local, e os militares portugueses: o sargento Germano de Melo e o tenente Ayres de Ornelas, que, por meio das suas epístolas, descrevem Ngungunhane do ponto vista portuguesa. Entretanto pela composição da intriga, Imani continua como narradora principal, posto que ela narrou vinte e dois capítulos, Germano narrou quinze capítulos e tenente narrou oito capítulos. A narrativa conduzida pela narradora moçambicana segue um viés mais objetiva, embora às vezes chega a ser subjetiva, quando equiparada àquela produzida pelos narradores portugueses durante o enredo.

No que tange à ponto de vista da narração, no enredo há uma focalização mais ou menos onisciente, visto que todos os narradores, a despeito de serem narradores-testemunhas, apresentam uma dupla característica quanto ao predomínio do assunto, ora conseguem mostrar que têm domínio sobre outros personagens e conseguem penetrar suas mentes para desvendar suas emoções, alegrias e tristezas, ora mostram-se que estão limitados pelo espaço-tempo, dado que não conseguem narrar os eventos nos quais eles não têm uma participação direta, só precisam dos conhecimentos fornecidos por outros personagens para conseguirem enredar essas informações.

Na visão sócio-política, Mia Couto continua a debater a principal problemática que iniciara no primeiro livro, que é a figura ambígua de Ngungunhane; nesse segundo volume, porém, esse assunto foi trazido à luz de maneira mais clara, quer do ponto de

António N’Runca, Resenha Sombras da água: as areias do imperador uma trilogia moçambicana vista dos narradores, quer a partir da construção dos personagens, que se cindiram ao meio relativamente às atitudes do imperador: “Panga e Homoíne entregaram dois mil cipaios. Os régulos de Massinga e Zavala contribuíram igualmente para o assalto final à corte de Ngungunyane” (p. 269). A clivagem entre as tribos configura a própria metáfora da figura de Ngungunhane, pois que à proporção que formos analisar comportamentos de personagens, podemos entrever questões que vão de encontro às ideias que foram construídas pelo discurso historiográfico acerca de Ngungunhane, principalmente quando formos observar as atitudes dos personagens no momento da captura: “Gungunhana sentou no chão! Os portugueses já o têm amarrado. E passaram grupos de pessoas cantando em coro: — Abutre, abutre, vai-te embora, abutre. Nunca mais assaltarás as nossas galinhas. ” (COUTO, 2016, p. 368).

Por meio da clivagem entre tribos que começa desde *Mulheres de Cinzas* até na ocasião da prisão de Ngungunhane, o autor demonstra as ações violentas praticadas pelo imperador de Gaza contra outras tribos, a partir disso, suscita questões críticas sobre a figura de Ngungunhane que foi construída no imaginário social, após independência pela elite moçambicana, que lhe atribui somente as boas qualidades de um herói em detrimento de fazer críticas a respeito dos aspectos negativos. O autor recria ficcionalmente alguns desses aspectos negativos de Ngungunhane que foram ignorados em prol do projeto da construção de um símbolo da identidade nacional e procura estimular o leitor a excogitar e tirar suas próprias conclusões particulares sobre a problemática.

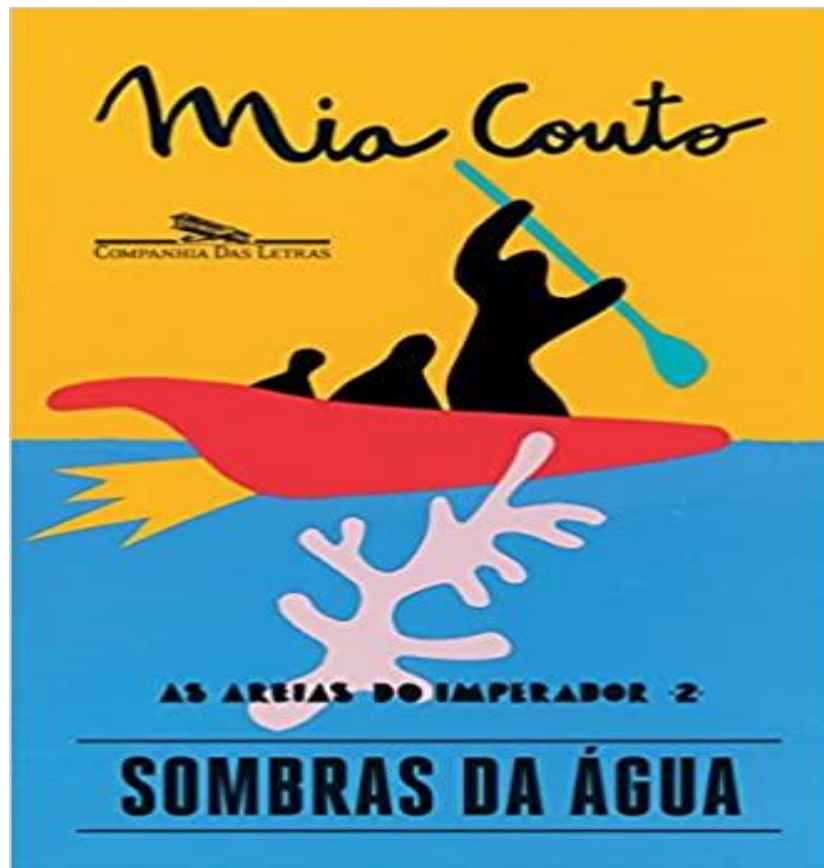


Fig. 1. Capa de volume II da Trilogia "As Areias do Imperador" São Paulo: Editora Companhia das Letras.

Recebido em: 11/12/2022

Aceito em: 23/12/2022

Para citar este texto (ABNT): N’RUNCA, António. Resenha Sombras da água: as areias do imperador: uma trilogia moçambicana. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº1, p.518-524, jan.- jun. 2023.

Para citar este texto (APA): N’Runca, António. (jan./jun.2023). Resenha Sombras da água: as areias do imperador: uma trilogia moçambicana. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (1): 518-524.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>